

OS JOVENS E A CIDADE: RELAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Clarice Cassab¹

RESUMO

O artigo pretende apresentar e discutir, a partir das falas dos jovens, quais as suas representações da cidade de Juiz de Fora e qual a sua relação com o espaço urbano. Na sua primeira parte, o texto apresenta e analisa as falas dos jovens entrevistados. Num segundo momento esses jovens são vistos em suas distinções, desigualdades e diferenças. Ao término, espera-se produzir uma reflexão acerca dos limites e possibilidades de uso da cidade por esses sujeitos.

Palavras-chave: jovem, cidade, espaço

ABSTRACT

The article aims to present and discuss, from the speech of young people, what their representation of the city of Juiz de Fora and what its relationship with urban space. In its first part, the text presents and analyzes the speeches of the youth interviewed. In a second stage these kids only seen in their distinctions, inequalities and differences. By the end, is expected to produce a reflection on the limits and possibilities of use of the city by these subjects.

Keywords: young, city, space

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da pesquisa produzida durante o doutoramento em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Partindo de um estudo empírico com jovens pobres da cidade de Juiz de Fora – cidade de médio porte da Zona da Mata Mineira, a intenção foi investigar como eles vêm e vivem no espaço da cidade. O objetivo deste artigo é apresentar e discutir, a partir das falas dos próprios jovens, quais as suas representações da cidade e da sua relação com a cidade.

A centralidade dada a essa relação (jovem-cidade) justifica-se a partir da compreensão de que o espaço (e aqui o espaço da cidade) é, conforme Santos (1994), o lugar do cotidiano, das experiências e da construção de práticas coletivas.

¹ Professora do curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora.
clarice.cassab@gmail.com.br

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização da pesquisa foram entrevistados jovens pobres residentes de quatro bairros da cidade: São Pedro, Dom Bosco, Granjas Bethânia e Santa Cândida². O primeiro, situado num eixo de expansão da cidade, é uma importante área de investimentos públicos e privados. Convivem nesse espaço uma grande quantidade de condomínios residenciais horizontais de classe média e alta, e áreas de ocupação popular. Em Dom Bosco, embora situado na região central da cidade, são precários os serviços de iluminação, captação de água pluvial e contenção de encostas. Suas ruas são estreitas e íngremes, além de pouco asfaltadas. Sua população é de cerca de 7000 habitantes e o bairro não possui nenhuma praça, posto policial, agência dos correios e tampouco outros serviços.

Já Granjas Bethânia caracteriza-se por ser um bairro afastado do centro. Com uma população de 3.272 habitantes, o bairro situa-se num dos eixos de saída da cidade e dispõe de pouquíssimos equipamentos de lazer e de serviço urbano. Santa Cândida, por sua vez, localiza-se na região leste de Juiz de Fora, próximo à área central. Atualmente o bairro tem um alto índice de violência, assim como uma carência de áreas públicas de lazer, além de possuir um precário sistema viário.

O que o artigo irá mostrar são algumas considerações construídas a partir das falas dos jovens sobre o que é ser jovem na cidade. Em sua primeira parte, o texto apresenta e analisa as falas dos próprios jovens entrevistados. Num segundo momento, esses jovens são vistos em suas distinções, desigualdades e diferenças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os jovens falam o que é ser jovem na cidade

A fim de indagar quais as representações do que é ser jovem na cidade, inicialmente foram feitas perguntas para trazer à tona essas imagens. Num segundo momento, pediu-se que eles pensassem se ser jovem era a mesma coisa, independentemente do bairro onde residiam. De maneira a objetivar melhor a questão, optou-se por indagar se ser jovem em seu bairro era o mesmo que ser jovem em Alto dos Passos – bairro nobre da cidade – ou em Dom Bosco, ou em Santo Antônio – bairros de extrema pobreza. Feitas essas perguntas, o exercício seguinte foi o de tentar identificar por onde esses jovens andavam e por onde não andavam; se ficam muito

² Todas as falas presentes nesse texto se referem a entrevistas concedidas a autora no ano de 2009.
Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 27, n. 1, jan/abr. 2010

tempo em casa; o que tem na rua que os atrai e os repele; e que lugares evitam e qual o motivo.

Assim, perguntou-se aos jovens de São Pedro o que significa ser jovem na cidade. Para Le, “é ser feliz, é ser alegre, gostar de sair. Mas a maioria dos jovens não tem condição de sair para determinados lugares; tem jovens que não tem o dinheiro da passagem para ir ao centro e voltar”. Em sua fala, a jovem identifica uma distinção de renda.

Para R., “ser jovem na cidade é ser muito julgado como preguiçoso”. Lt. diz que ser jovem “é ser o alvo mais atingido na cidade. O jovem é culpado por muitas coisas. Não quer estudar, é trombadinha. O jovem é o mais atingido, só por coisas ruins. Por fim, para Am., ser jovem

é ser discriminado, porque o jovem é vândalo, ele não faz nada. Eles generalizam a gente. Mas a gente é trabalho, é usuário da saúde, está presente na política. A gente faz a cidade, é parte dessa sociedade. Mas eu acho que a gente é discriminada. A criança é protegida porque ainda não tem a personalidade definida e não é considerada capaz. O adulto discrimina a gente porque nos acha irresponsáveis, e o idoso, que também é protegido pelo fato de já ter vivido mais e estar numa fase de cansaço, nos discrimina pelas diferenças.

Para Am., a representação que se tem dos jovens na cidade é atravessada pela discriminação que, por sua vez, é produzida pelo único fato de serem jovens. Todavia, se, por um lado, Am. explicita como, para ela, os jovens são vistos, de outro, reafirma a necessidade do reconhecimento do seu lugar na cidade, situando as suas funções e os seus usos.

R. diz que ser jovem na cidade também é “ser informado e ter lazer”. Assim, a cidade aparece para ele como um ambiente de oportunidades de acesso à informação e ao lazer. Para Am., a cidade é um espaço também construído pelos jovens, mas a participação nesse processo não é reconhecida, muito pelo contrário. Posição semelhante à de Le., como visto acima, que identifica as restrições de mobilidade e circulação dos jovens na cidade.

Para definir com maior clareza o sentido de ser jovem na cidade foi questionado se eles achavam que ser jovem em São Pedro é igual a ser jovem em Alto dos Passos e

Dom Bosco. Suas respostas foram negativas. Le. acredita que ser jovem em São Pedro é distinto de ser jovem em Alto dos Passos, uma vez que há “diferença econômica”, pois “sempre pode ter alguém que mora lá que tenha pouco dinheiro, mas a maioria das casas lá são boas, são apartamentos”. Para a jovem, portanto, há uma diferença entre os jovens no que se refere à renda. Dy. tem uma imagem semelhante ao afirmar que “o jovem de lá não tem que se preocupar em trabalhar e ajudar em casa. O jovem daqui tem”. Além da renda, ou em consequência dessa diferença, a jovem identifica na necessidade do trabalho (seja em casa ou fora dela) um elemento que os distingue dos jovens moradores de Alto dos Passos.

Questionou-se por que achavam que os jovens de São Pedro precisariam trabalhar e os do outro bairro não. Para Dy., isso se dá “porque o de lá acha que o pai dele tem dinheiro. Ele não vai precisar trabalhar. Quando precisar de dinheiro, o pai vai ajudar. O daqui não. Quando a mãe precisar, o jovem daqui vai sair para trabalhar e vai ajudar em casa”.

A dimensão da necessidade do trabalho como elemento diferenciador entre os jovens é forte na maioria das falas dos entrevistados. Feita a mesma pergunta, Am. foi categórica em sua resposta: “Não, claro que não. O jovem do Bom Pastor só quer saber de namorar, ir ao cinema, se divertir. Eles estudam pensando em manter o lazer deles. No São Pedro, os jovens pensam mais no trabalho, em trabalhar”. Para D., “eles são diferentes da gente. Eles têm dinheiro e não precisam trabalhar para ajudar a mãe. Eles vão para onde querem, voltam na hora que querem, gastam o dinheiro do pai e não precisam trabalhar. Não fazem nada”. Sua fala expressa outro elemento de distinção: a possibilidade de circulação que, segundo D., os jovens de Alto dos Passos teriam e que, por sua vez, se realiza pelo fato daqueles terem dinheiro e desobrigações (pois não precisariam trabalhar).

E em relação aos jovens de Dom Bosco, o que haveria de diferente? Para a maioria dos entrevistados, a imagem dos jovens de Dom Bosco corrobora a imagem que socialmente se tem do próprio bairro, ou seja, as imagens descritas por Dy. e D., de que

eles são vândalos, querem a vida fácil. Eles querem roubar e brigar. Não são todos, mas a maioria que está lá quer essa facilidade mesmo. Eles querem roubar para poder ganhar mais fácil. Qualquer pessoa diferente que passa lá, eles querem tacar pedra, querem dar paulada, querem fazer tumulto. Falam que vão bater (Dy).

Eu acho que eles são diferentes da gente. A gente passa com alguém lá e eles querem tacar pedra, dar paulada (D).

Embora reconheçam que não há homogeneidade, para Dy. e D. a diferença entre elas e os jovens de Dom Bosco estaria no fato dos últimos terem um caráter violento. Seriam eles criminosos, arruaceiros, pois buscam briga e querem conseguir as coisas facilmente, ou seja, sem trabalho. As jovens, portanto, reproduzem a imagem que se tem do próprio bairro e de seus moradores. E novamente o trabalho (ou a ausência dele) torna-se elemento de distinção. O trabalho é o fator que os distingue, tanto dos jovens de Alto dos Passos quanto dos de Dom Bosco.

Le. acrescenta, afirmando que “se você é branco e fala que mora em Dom Bosco o bicho até pega: “Nossa, não acredito que você mora lá”. A jovem faz uma distinção de cor. Com espanto reagiriam as pessoas se soubessem que ela, jovem branca, é moradora de Dom Bosco. Mas a colocação de Le. afirma, na verdade, a existência de preconceitos e estigmas dados pela relação entre a cor da pele e o local de moradia. É como se apenas pudessem viver em Dom Bosco os negros. Esse seria o susto.

Para a jovem, “quem passa da universidade é assaltado. Você pode contar quem não foi assaltado. Ali é um lugar que é marginalizado. Ninguém quer passar ali. Ninguém passa ali à noite. Só quem é doido ou conhece o lugar. Lá é pichado!”. Perguntou-se aos jovens de Dom Bosco se essa imagem corresponderia ao real. Para Le., Dy. e Wy., a imagem é real. Para V., “algumas pessoas são iguais porque têm caráter e outras não. E outra coisa é que as meninas de lá são meio piranhinhas”. Embora ela reconheça uma diferenciação por conta do caráter individual, sua colocação seguinte deprecia as jovens do bairro a partir de um julgamento moral. Sua fala também parece revelar certa rivalidade entre as jovens de São Pedro e de Dom Bosco, o que de fato ocorre entre os bairros.

E. explicita qual seria o motivo principal da distinção entre os jovens de São Pedro e Dom Bosco:

Acho que os jovens de Dom Bosco são um pouco mais violentos, por causa da vida ali naquele ambiente um pouco mais poluído, digamos assim. Eles são mais agressivos do que os daqui. Porque esses daqui têm mais lazer, aí não ficam tão agressivos assim.

Assim, o fato de viverem em um bairro em que, segundo a jovem, “é mais aberto ao tráfico, porque muitas pessoas lá usam drogas”, faz com que os jovens de lá sejam, quase que por consequência “natural”, mais violentos e agressivos. A jovem correlaciona de maneira direta, portanto, pobreza e violência. É como se um ambiente de degradação levasse à realização de atos criminosos.

Interessante notar que para os jovens residentes em Dom Bosco também há diferença entre eles e os jovens de outros bairros da cidade, e pelo mesmo critério: a agressividade. Quando se perguntou a D1. se ele achava que ser jovem em seu bairro era o mesmo que em Alto dos Passos, sua resposta foi: “Não, porque a gente passa lá e eles querem caçar briga”. E por que isso acontece? Jp. responde: “Por diferença social. A classe social. Se você fala Dom Bosco, já falam que é um bairro pobre”. Jp. parece ter clareza dos estereótipos produzidos sobre o bairro.

Mas, se essa imagem dos jovens de Dom Bosco é semelhante entre os entrevistados residentes em São Pedro, ela não se reproduz na fala dos demais jovens moradores de Granjas Bethânia e Santa Cândida. Isso se explica, em grande medida, pela rivalidade que existe entre aqueles bairros. As falas dos jovens de Granjas Bethânia sobre o sentido de ser jovem na cidade afirmam a diversidade e o direito de aproveitarem as oportunidades que ela traz. Dizem os jovens:

Ser jovem na cidade, para mim, é ter o direito de desfrutar do lugar e o dever de cultivá-lo (Va.).

É saber respeitar o espaço do outro e ser respeitado tanto na individualidade quanto no compartilhamento. E também saber desfrutar o espaço que é oferecido (Th.).

É ter acesso a vários locais da cidade, aproveitando seu crescimento e participando dele (Je.).

Ser jovem na cidade é descobrir lugares novos, desfrutar de tudo que a cidade nos oferece (Ig.).

As falas também remetem ao sentido da descoberta de novos lugares, de estar na cidade de fato. Esse estar na cidade significa a possibilidade de “participar” e

“aproveitar” o crescimento da cidade. Todavia, para os jovens de Granjas Bethânia, também há distinções entre ser jovem em seu bairro e em outros da cidade:

Os bairros mais próximos do centro têm muito mais recursos. Os jovens têm mais lugares para sair, para se divertir (G.).

Concordo. Acesso aos recursos mesmo. Em Granjas não tem quase nada. Nos bairros mais próximos do centro é totalmente diferente, pelo menos uma praça podia ter (Ig.).

Para esses entrevistados é o acesso aos recursos da cidade o elemento principal que os diferencia dos demais jovens de outros bairros. Assim, se por um lado eles afirmam a importância de estar na cidade, desfrutar dos lugares e de descobrir outros locais, a realidade é que esses jovens vivem a escassez de acesso aos bens da cidade, e essa vivência imprime no seu próprio bairro um sentido distinto de ser jovem quando comparado a outros bairros mais próximos do centro.

O sentido de conhecer outros bairros também foi manifesto por alguns dos jovens de Santa Cândida, bairro próximo ao Centro. Para Jo., ser jovem na cidade é “sair muito na cidade e conhecer os bairros”. Ou, ainda, é “ter acesso a tudo que está em nosso redor” (F.). F., também afirma que “na cidade a gente tem mais oportunidade”. Adverte, porém, que “tem os jovens dos outros bairros, que têm dinheiro, são diferentes da gente”. Sua fala aponta para o conjunto de oportunidades que a cidade pode oferecer aos jovens, como também explicita a existência de diferenças entre eles e os “jovens dos outros bairros”.

Para Dn., também há diferenças dadas “por causa do dinheiro. Os pobres são tratados de forma diferente. Dependendo do lugar, as pessoas ficam olhando diferente para a gente”. Essa imagem também é compartilhada por We., pois, para o jovem, a “diferença está na renda. Cada lugar é diferente”. W. é mais enfático em sua resposta, ao afirmar que para os jovens de Alto dos Passos eles são “mendigos”.

O critério de renda aparece, portanto, mais uma vez, como definidor das distinções entre os jovens na cidade. Ele se associa de maneira direta à questão do trabalho. Também, para esses jovens, a necessidade de trabalhar, ou de ao menos procurar um trabalho, os diferencia dos jovens de Alto dos Passos, já que “os jovens em Alto dos Passos não fazem nada, vão para o cinema. Eu não gosto disso. Vão passear

com cachorro” (B.). Outro elemento que também os diferencia, segundo os entrevistados, seria quanto às opções de lazer. Para We., “os jovens em Alto dos Passos vão para o cinema. Em Santa Cândida, os jovens ficam na rua, na praça; ficam conversando”.

By. ainda apresenta outro aspecto. O cotidiano do bairro possui um ambiente familiar que, por sua vez, proporciona certa segurança a esses jovens: “Aqui a gente conhece mais as pessoas, tem mais relacionamento, e lá a gente não conhece ninguém e fica até envergonhado”. Mas o que faria com que o jovem ficasse envergonhado? “Por exemplo, lá as pessoas podem ter coisas boas; roupa boa, casa boa, carro. E nós, não. A gente pode até ter isso, mas a gente é discriminado lá” (By.). By. sinaliza para dois elementos de diferenciação: a renda, que permitiria um maior consumo, e uma discriminação dada pelo simples fato de morar em Santa Cândida. Mesmas distinções feitas por X.: “A gente faz parte de um bairro humilde. Para eles lá, aqui só tem favelado. Sendo o que for, a cor, a roupa, eles vão olhar torto. Então a gente não se sente bem lá”.

Os dois entrevistados reconhecem uma diferença não apenas por possuir ou não determinadas mercadorias, mas pelo fato de ser de Santa Cândida, já que, mesmo que tivessem roupas, carro etc., seriam discriminados da mesma forma – “apenas porque eu moro no meu bairro”, conforme diz X.

Notou-se que em todas as entrevistas realizadas nos quatro bairros, os jovens afirmaram que existem diferenças entre eles. Diferenças dadas por renda, trabalho e local de moradia. Seja para afirmar a distinção frente aos jovens ditos violentos e arruaceiros de Dom Bosco, seja para apontar as diferenças diante dos jovens que “não querem nada com o trabalho” e os “filhinhos do papai” de Alto dos Passos.

Reconhecida a existência de diferenças entre os jovens, é preciso agora tentar traçar um mapa dos usos que os jovens entrevistados fazem da cidade. Para que lugares vão e quais evitam ir? Quais os principais motivos de deslocamento desses jovens?

No geral, quando se perguntou se saíam muito de seus bairros, os jovens afirmaram que sim. Para Fe., morador de Santa Cândida, “ficar num só lugar, ficar só aqui não vai adiantar nada; não vai ter amizade, não vai conhecer gente diferente”. Para o jovem, portanto, sair de seu bairro significa a oportunidade de ter contato com o diverso e de conhecer novas pessoas. Nesse caso, o que há na rua que os atrai? As respostas foram muitas. Para alguns, conhecimento, para muitos, lazer e movimento. Para outros, a possibilidade do emprego, e, para alguns rapazes, mulheres. O principal

motivo exposto pelos jovens de Santa Cândida para saírem de casa refere-se à família. Em grande medida, esses jovens circulam pelos bairros onde moram familiares e/ou namorados (as).

Os bairros freqüentados são, na sua grande maioria, próximos dos de origem e com semelhanças socioeconômicas. Assim, muitos vão a São Benedito, Santo Antônio, Vitorino Braga, Vila Alpina – todos próximos à Santa Cândida. Além desses, os jovens também apontaram o Centro. Deslocam-se a esse bairro quando precisam fazer compras ou para ir ao shopping. Cabe lembrar que o bairro de Santa Cândida é geograficamente próximo ao Centro.

A rua, para esses jovens, é algo atraente. Significa a possibilidade de ter acesso a coisas novas, encontrar amigos, paquerar e se divertir. Contudo, sua circulação parece restrita ao seu bairro e ao entorno. Eles evitam ir a bairros de características distintas do seu, pois se sentem constrangidos. We. afirma só freqüentar o seu bairro: “Não gosto de ficar no bairro de outras pessoas”. Que bairro seria esse? O rapaz responde que seria o Alameda, e que não gosta de “ficar perto de gente que não conhece”.

Alameda é um shopping situado no bairro de Alto dos Passos (bairro nobre da cidade). Há ainda dois outros shoppings na cidade: o Santa Cruz, localizado no Centro, e o Independência, localizado na Avenida Independência. Questionou-se se os jovens freqüentavam algum deles. O shopping Santa Cruz, conhecido na cidade por atender um público cuja renda é mais baixa, é freqüentemente visitado por eles. Os jovens disseram ir ao Santa Cruz para ver o movimento, as modas, e as garotas e garotos. Já o shopping Independência, inaugurado em 2008, atende a um público de renda média e alta. S. nunca foi a esse shopping, pois lá “tudo é caro”. R. parece concordar e ainda observa que “lá é para rico, não é para nós. Para mim, construíram no lugar errado”. Por quê? We. responde: “Porque ali só tem bairro pobre. Eles colocaram vidro só para a parte dos prédios e tamparam a parte virada para casa pobre”³. Indagou-se então se eles não teriam vontade de ir a esse shopping: R. e We. responderam que não se sentiriam à vontade. B. relata sua experiência de ter ido, dizendo: “No dia em que eu fui lá, uma mulher disse que tinham que segurar a bolsa”. W. disse não gostar do shopping porque “tem aquelas mulheres tirando onda. Aí eu dou um soco nelas”.

Os jovens expressam o entendimento da existência de lugares distintos nos quais

³ O shopping se localiza ao longo de uma importante avenida da cidade – Avenida Independência – e próximo ao bairro Dom Bosco dando vista, de um lado para esse bairro e de outro para o bairro Estrela Sul, uma das atuais áreas de expansão da cidade e destinada classe média e alta.

podem ou não circular. Claro que essa restrição não se dá pelo uso da força física, mas pelo constrangimento que estigmatiza os jovens pobres e restringe os seus usos na cidade.

Para B., “a cidade deveria ter lazer para todos os gostos”. Mas o que acontece é o inverso. Na cidade, privilegia-se e tolera-se o lazer de alguns jovens, não de todos. B. explica: “Olha as brigas na rave e no baile funk. Se é no baile funk, logo eles interditam, porque é de pobre, do pessoal do morro. Esse preconceito é por causa da renda”.

Os jovens, portanto, identificam os mecanismos de constrangimento, restrição e distinção territorial aos quais estão submetidos. Reconhecem serem vítimas de preconceitos de renda e de cor quando, por exemplo, relatam uma experiência na cantina da Universidade. “O guardinha mandou a gente sair, pensando que a gente era de Dom Bosco e ia roubar. Se fossem uns branquinhos de óculos eles não faziam isso” (Wb). Para Wb., isso aconteceu “por causa da roupa e da cor” deles. Ainda acrescenta: “Se fosse em Alto dos Passos, iam achar que a gente ia roubar”. W. acrescenta: “Se eu pintar o cabelo de amarelo, se um policial vir um menino de cabelo amarelo, vai querer bater”.

Se os jovens de Santa Cândida gostam de sair de seus bairros, de circularem pela cidade, o mesmo não ocorre com Dl., morador de Dom Bosco. O rapaz prefere não sair de seu bairro, pois, segundo o jovem, não há nada fora do seu convívio que ele queira fazer. Cabe lembrar, contudo, que Dom Bosco é um bairro extremamente pobre da cidade, situado em acrópole, sem equipamentos culturais ou de lazer. Ausência que, no entanto, não impede Dl. de querer ficar isolado no seu bairro. Duas razões complementares podem ser aventadas para explicar a posição do jovem. A primeira, como já foi dito, é a segurança que estar no bairro desperta no jovem, expressa na sua fala: “Eu moro aqui desde que eu nasci” (Dl.). A outra é a imagem extremamente negativa que o restante da cidade tem do bairro e de seus moradores. Essa imagem está tatuada no corpo desse jovem, que prefere permanecer em seu bairro a sofrer possíveis constrangimentos ao movimentar-se pela cidade.

As falas dos jovens sinalizam para uma situação de restrita mobilidade pela cidade. Restrição dada pelas condições objetivas, como o custo de transporte, a violência policial, as rivalidades entre os bairros, ou por condições simbólicas, como as manifestadas em expressões do tipo “não me sinto bem em outros bairros”.

Jovem e cidade: distinção, desigualdade e diferença

Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 27, n. 1, jan/abr. 2010

Se é correto que são muitos os jovens, razão para a necessidade de sempre se pensar essa categoria no plural, por outro, parece que esses sujeitos e, em especial os jovens pobres, são tratados nas suas diferenças (vistas como negativas), distinções e desigualdades.

Nesse estudo, desigualdade, distinção e diferença são pensadas como uma tríade dialética. Ou seja, como elementos que compõem um todo a partir das suas múltiplas interações.

A desigualdade, sendo definida a partir de um parâmetro comum e classificatório, vislumbra a possibilidade da hierarquização e é, em muitos casos, resultante de posições distintas na organização social do processo de produção. Concebida, portanto, no campo das disparidades socioeconômicas e das condições de acesso a recursos materiais e simbólicos, incluindo também o plano da garantia de direitos sociais e políticos da juventude.

Ao expressarem sua situação de jovens pobres na cidade, os entrevistados denunciaram esse sentido de desigualdade. Sua condição desigual corrobora para que tenham acesso restrito à cidade e, conseqüentemente, limitados usos da mesma. O que significa afirmar que as condições de desigualdade aos quais estão sujeitos impõem, em grande medida, distinções espaciais. Ou seja, há na cidade os espaços onde esses jovens devem e podem estar e outros onde eles devem ser impedidos de circular. A distinção aqui é tratada, portanto, a partir da dimensão espacial. É a distinção espacial, relacionada a seus bairros de moradia, um dos muitos elementos produtores de estigmas e da invisibilidade imposta a esses jovens. É essa situação que torna esses jovens distintos.

Na diferença não cabe a hierarquização, uma vez que ela deve ser compreendida no sentido da alteridade, o que, por sua vez, apenas ocorre quando há interações, trocas, contato entre grupos diferentes. O que significa afirmar que a diferença se realiza quando confrontada com outra identidade na troca e no contato. Existir socialmente é ser percebido como diferente e nesse sentido a diferença pode ser compreendida no terreno da atribuição do status da cidadania.

Contudo, a dimensão positiva da diferença parece não se aplicar aos jovens pobres. Para eles a diferença é negativizada e vista como algo perigoso. Por essa razão, seu circular ruidoso pela cidade, sua forma de se vestir ou se expressar, sua fala, seus gostos, e tantas outras estratégias de afirmação e mobilização desses sujeitos precisam

ser contidas e controladas.

Mesmos os próprios jovens parecem assumir o sentido negativo da diferença. Nas suas falas nota-se que a diferença se apresenta como a estratégia que reafirma a separação. Quando, por exemplo, valoram a necessidade do trabalho, diferenciam-se dos jovens dos bairros mais abastados da cidade.

A diferença nesse caso, em vez de ser positiva, serve como elemento para aprofundar os estigmas impostos aos jovens pobres.

Na medida em que esses jovens são tratados como desiguais, distintos e diferentes, tanto no que se refere à sua relação com os outros (adultos e jovens de outros segmentos sociais) quanto na relação com a própria cidade, eles tornam-se invisíveis, isto é, sujeitos sem identidades ou cuja identidade é sempre projetada pela do outro ou referida a um devir. Como sujeitos, são invisíveis no espaço e na política.

De quais jovens, enfim, se está falando? Daqueles que vivenciam as desigualdades expressas nas mais distintas formas de restrição aos bens e serviços essenciais à reprodução da vida; jovens que vivem em bairros pobres da cidade e que pouco usufruem os equipamentos de cultura e lazer da cidade; sujeitos cuja presença na cidade é indesejada, controlada e vigiada; vítimas de violência física e simbólica, estigmatizados e discriminados. Jovens para os quais é vedado o presente e cujo futuro é cada vez mais incerto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto pretendeu mostrar, a partir das experiências e das falas dos próprios jovens, o quanto a cidade aparece como estranha a esses sujeitos. Suas experiências com o espaço são fortemente marcadas por processos de distinções, desigualdades e diferenciações. Processos que impõem um uso restrito da cidade e a naturalização das desigualdades presentes no espaço.

Contudo, a cidade é o próprio espaço da política, do encontro de idéias, dos ideais, das realidades e das possibilidades, onde sujeitos desiguais disputam o seu uso e a sua apropriação, confrontando-se, permanentemente, pelos seus direitos. Pensar os jovens pobres na cidade significa pensar os mecanismos de distinção territorial e de desigualdade - aos quais esses jovens estão cotidianamente submetidos - que restringem o uso e a apropriação da cidade e do urbano.

Essa restrição, determinada pelos mecanismos de desigualdade social e de distinção territorial, possibilita uma naturalização da condição de invisibilidade desses

jovens. Sua presença na cidade é pouco tolerada. A eles são reservados fragmentos da cidade, o que dificulta a possibilidade da apropriação não apenas dos bens materiais como também dos investimentos simbólicos do próprio espaço.

Isso porque, sob a égide do capitalismo, a cidade torna-se mercadoria passível de ser vendida aos pedaços. Para cada pedaço reserva-se um comprador. Aqueles que não podem arcar com os custos do negócio são isolados e contidos em bairros pobres e periféricos. Negando-lhes o direito de circular e, portanto, de estar na cidade. Essa parece ser a situação atual dos jovens entrevistados.

Mais do que impossibilidade do uso e da apropriação dos bens materiais, a esses sujeitos é vedado os bens simbólicos e a possibilidade de viver a cidade como obra e como espaço da política. Essa, por sua vez, se realiza na medida em que os sujeitos constroem significados e reconhecimentos sensíveis do espaço a partir de sua apropriação. Quando essa construção é inviabilizada, a experiência urbana se coisifica. A própria cidade se torna coisa a ser vendida e o compartilhar e a troca passam a ser mediadas pelo dinheiro (Lefebvre, 1981 e 2001).

Os mecanismos de distinção territorial promovem e reproduzem as desigualdades. A invisibilidade dos jovens pobres manifesta a ausência de direitos corporificados por esses sujeitos. Suas diferenças, em vez de serem vistas e tratadas como positivas, são negativizadas. A cidade não é vivenciada como obra, e o espaço não é usado, vivido e apropriado.

Fica clara, portanto, a importância da cidade como o lugar onde se concretizam as relações sociais, de solidariedade e de poder. Nela, as desigualdades sociais são evidentes e as distinções espaciais são fortemente marcadas e explicitadas pela presença e/ou ausência, e pela qualidade dos serviços públicos e dos equipamentos urbanos. Também porque é nesse espaço, construindo e reconstruindo permanentemente territórios, que esses jovens se colocam.

Por essa razão, o uso da cidade para a compreensão das desigualdades vividas e experimentadas cotidianamente por estes sujeitos torna-se essencial. Isso porque o uso da cidade permite a desnaturalização pelos jovens da cidade em suas divisões, paisagens e hierarquias, através da compreensão de que a des-ordem é parte da ordem, assim como possibilita a percepção dos arranjos territoriais de domínio político do corpo, através da circulação e da desnaturalização do arranjo que delimita fronteiras na cidade, com o reconhecimento da ação do poder público na produção de territórios.

Se todos pertencem a um espaço e se esse espaço é condição da própria
Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 27, n. 1, jan/abr. 2010

produção e da reprodução social, a esses jovens é definida uma posição desigual. Mas, se o espaço define o seu modo de existência, a condição *sine qua non* seria o direito a seu uso e a sua apropriação. Apenas a realização efetiva do direito à cidade poderá construir o sentido pleno da cidadania.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge Luiz. *Democracia, Políticas Políticas e Efetivação de Direitos da Cidadania*. Disponível em: [www//http: riodemocracia.org.br](http://www.riodemocracia.org.br). Acesso em 29/11/2008.

CASSAB, Clarice. *(Re)construir utopias: jovem, cidade e política*. Tese de doutorado. Niterói, UFF, 2009.

LEFEBVRE, H. *La Production de l'espace*. Paris: 2^{ème} édition, 1981.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. *O Espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1993.